MUSEU ETHNOLOGICO DO DR. LEITE DE VASCONCELLOS
BIBLIOTECA
-LISBOA-

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XIV JANEIRO A AGOSTO DE 1909 N.os 1 A 8

Cidades mortas

(Estudo póstumo)[1]

Relatorio das minhas explorações nas estações archeologicas suburbanas de Braga, e nomeadamente no Monte Redondo

Quem desejar conhecer com precisão a topographia e orographia da cidade de Braga, situada Entre Cávado e Éste, ascenda ao alto da torre-forte (torre do Collegio) que ao poente do Campo de S. Tiago (freguesia urbana da *Cividade*) occupa o centro da Bracara Augusta dos Romanos.

O nome de Cividade ficou provavelmente alli a indicar ás successivas gerações que, naquelle mesmo logar em que se eleva a torre-forte de hoje, esteve no tempo da dominação do povo-rei outra fortaleza, pois é aquella a pârte mais elevada da antiga Bracara que Plinio denomina *Oppidum* e as inscripções *Urbs,* porque, como fica demonstrado, apenas se refere á parte murada, não á cidade em si.

---

[1] [Á Ex.ma Sr.a D. Delfina Rosa de Oliveira Cardoso Bellino, viuva do signatario do artigo, devo o poder publicar n-*O Archeologo* esta memoria que o desditoso archeologo deixou pronta para o prelo, e que elle, em verdade, me havia promettido. Acompanha-a uma vista (fig. 1.a) da collecção lapidar romana que Albano Bellino organizára em Braga, e que por impericia dos Bracarenses deixou de, com outras collecções formadas por elle, constituir o nucleo de um museu archeologico naquella cidade (cfr. *O Arch. Port.*, VIII, 298–299), pois que os objectos foram, após a morte, repartidos por dois museus, o de Guimarães e o Ethnologico. —J. L. DE V.]

Do alto da referida torre descobre-se para o sul (em Orjaes) a parte existente da muralha romana de 7 palmos de largura e ainda

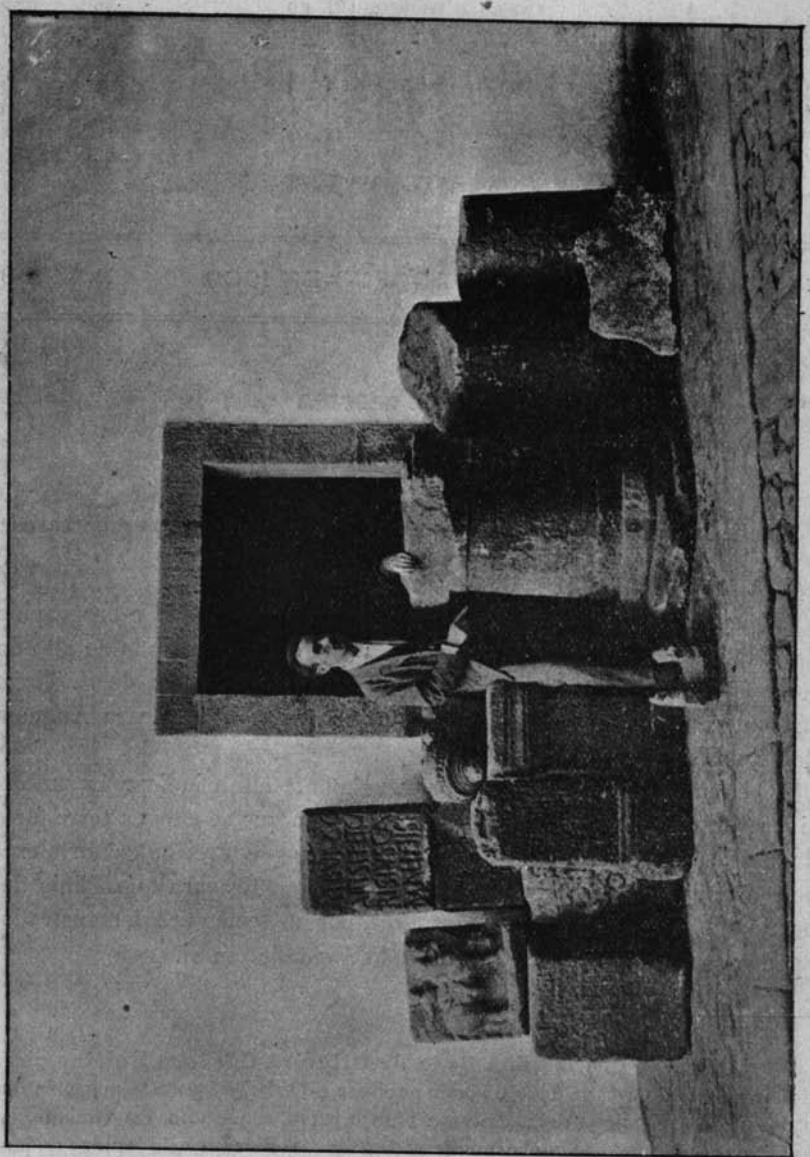

Fig. 1.ª—Albano Bellino no seu museu lapidar de Braga

hoje na extensão de mais de 20 metros) que marcava por aquelle lado o perimetro da *Urbs,* com suas entradas acastelladas, seguindo por Maximinos (frente da actual igreja), ruas da Cruz de Pedra, Nova

de Sousa, do Souto, largos de S. João, dos Remedios, Granjinhos, quintas do Fojacal e do Avellar (Orjaes)[1].

Diz o Contador de Argote (anno de 1721) que esta muralha tinha uma circunferencia de dezaseis estadios (meia legua), pequeno espaço como o dos muros de Lugo e Astorga, uma porta ao occidente (Maximinos) e outra ao oriente (Granjinhos), e que no seu tempo os vestigios dos muros mediam ainda 500 passos, largura de 23 palmos na quinta do Avellar, e altura de 20, 25, 10 e 12 palmos.

Os muros, coroados de torres, tinham pelo menos tantas portas quantas as vias militares.

É vastissimo o horizonte que do alto da torre se descobre, mas bem proximo de nós, a 2 kilometros de raio, para sul e poente, erguem-se em correspondencia mutua o monte de Santa Marta (Monte Maior), na freguesia de Esporões, e o monte das Caldas sobranceiro a Semelhe, Gondizalves e Parada. Entre estes dois, a 5 kilometros de Braga, temos o Monte Redondo na freguesia de Guisande.

Tinham os tres optima disposição para poderem corresponder-se por sinaes em tempo de guerra e servirem de atalaia á cidade de Braga, que de qualquer d'elles se descobre toda.

Para o nascente segue o monte Espinho (Portella de Espinho) com os sanctuarios do Sameiro e Bom Jesus, e para o poente avista-se o notavel convento de Tibães a dominar amplas campinas que por este lado até ao Calvello (Montariol) deixam a cidade desabrigada.

A 6 kilometros de distancia avistam-se outros montes, outr'ora fortificados, na margem direita do Cávado.

A antiga Bracara foi ampliada desde o sec. XII para o norte, nascente e poente, e completamente reedificada pelo arcebispo D. Diogo de Sousa (1508–1532), que á pergunta de el-rei D. João III sobre a causa de não apparecer na côrte, respondeu: «é porque estou fazendo de um palheiro, que Vossa Majestade me deu, uma cidade».

Braga é na sua maior parte plana, e tem por atalaias vigilantes os tres referidos montes (Citanias arruinadas) que a devassam pelo sul, sueste e poente.

Vem de longe a minha predilecção pelo estudo da archeologia nos seus differentes ramos. Uma inscripção quasi apagada pelo transcurso

---

[1] Em trabalho especial elucidarei este assunto altamente interessante para quem deseje saber onde assentou a séde do notavel Convento Juridico Bracaraugustano, o principal dos tres pertencentes á provincia Tarraconense. [Supponho que tal trabalho não chegou a ser realizado.—J. L. de V.]

dos seculos, uma moeda antiga, um pergaminho illegivel, qualquer cousa emfim que recordasse o passado, foi sempre para mim motivo de grande veneração. Esta tendencia levava-me a preferir a leitura de livros historicos. D'ahi o enthusiasmo que por fim me dominou.

No verão de 1892 visitei em Briteiros o sabio Dr. Martins Sarmento, que logo de um modo captivante me convidou a admirar as ruinas da Citania por elle exploradas e defendidas com carinhoso desvelo.

Para prova do seu grande amor áquellas ruinas, se de prova necessitassemos, citaria as seguintes palavras de uma carta na qual me recommendava que arrematasse em seu nome, perante o Governo Civil, alguns foros impostos naquelle terreno de monte: «Ampla liberdade para proceder como entender melhor no resgate dos foros. Apparecendo concorrente, o meu amigo bate-se com o adversario a todo o transe, e fica assim o heroismo no seu logar».

Fizemos ambos a ascenção ao monte pelo lado da sua casa e quinta. Depois de breve descanso junta da capella de S. Romão, percorremos as ruinas que elle me descrevia com o interesse do verdadeiro sabio quando descobre no tirocinante á investigação dos povos que nos precederam, uma vontade de ferro promettedora de cousas de proveito.

Da paciencia do mestre, dos seus ensinamentos, resultou em breve o meu peregrinar pelos montes circunvizinhos de Braga, á cata de vestigios das civilizações extinctas.

Comecei no dia 8 de Maio de 1893 pelo monte de Santa Marta da Falperra, unico de que havia noticia, como monte fortificado, no Contador de Argote, dizendo aquelle prestimoso antiquario do sec. XVIII, ao occupar-se do *rio* (regato) Contabrião: «Começa perto dos muros de uns vestigios de povoação muito antiga e muito forte, com tres ordens de muros, em um sitio alto onde esteve uma capella de S. Pedro».

Desci á estrada de macadam e venci o alto da Morreira, seguindo até á quinta da *Mògada,* em S. Clemente de Sande, onde colhi uma mó manuaria, alguns tijolos romanos (*brelhos* em linguagem popular) encontrados nas escavações de um terreno para plantações de vinha. Muitos outros tijolos tinham sido applicados, pouco antes, á construcção de um forno do lavrador caseiro da quinta.

Dias depois visitei o monticulo sobre que assenta a capella de Nossa Senhora da Consolação, nas proximidades do Sanctuario do Bom-Jesus, no qual certamente existiu um pequeno castro para auxilio dos moradores da Citania de Santa Marta. O Sr. João Ferreira Torres, solicitador, mostrou-me numa parede da sua Quinta, a pequena distancia da capella, uma *mola manuaria* e uma fusaiola ou cos-

soiro, um e outro objecto encontrados no castro que ha muito deve ter sido despojado do muro ou muros de fortificação e supporte.

Continuando pelo alto do monte Espinho, na direcção das igrejas parochiaes de S. Pedro e S. Mamede de Éste, encontrei bastante pedra de esquadria e alguma ceramica antiga a testemunharem a sua origem remota. Um pouco acima d'esta ultima freguesia e já na de Sobreposta, fica o Monte de Castro, proximo da actual escola militar de tiro, ladeado de 14 mamôas e circuitado de tres ordens de muralhas que defendiam uma grande povoação, da qual ainda existem numerosos vestigios de casas circulares. Segue-se-lhe, na margem esquerda da estrada da Povoa de Lanhoso, a freguesia de S. Miguel de Gualtar, que nas proximidades da igreja não é menos fertil em fragmentos de tijolo e *tegulae*.

O Monte Calvello (Montariol), que lhe fica proximo, nada possue que nos elucide sobre o seu passado, a não serem as condições defensaveis iguaes, se não superiores, ás do seu vizinho Monte de Castro (Castro Maximo), onde, em principios do sec. XVIII, já appareceram a um cortador de pedra algumas moedas romanas de prata, e que ainda agora produz ceramica antiga em abundancia.

No sopé d'este monte está situada a freguesia de S. Martinho de Dume, que os Romanos habitaram, como já referi, e onde tiveram pelo menos um templo dedicado a Esculapio, e a Torre Capitolina. O pequeno templo, pelo que provavelmente d'elle resta ainda numa capella lateral da proxima igreja de S. Fructuoso, era, sem duvida alguma, de muito menores dimensões do que aquelle que o mesmo deus da medicina possuia na ilha de Paros, Grecia, e que em 1898 foi descoberto, pois este mede $41^{m},25$ de comprido por $19^{m},50$ de largo.

São d'esta procedencia varias lapides votivas e funerarias, muito importantes, das quaes possuo tres. No actual cemiterio parochial e suas immediações ainda hoje apparecem numerosissimos fragmentos de *tegulae, imbrices* e tijolos. A escorar latadas podem ainda ser vistas grossas columnas que sem duvida alguma pertenceram a sumptuosos edificios.

O pequeno Monte de Cones (extincta povoação de Columnas), que se lhe segue, e a freguesia de Semelhe, tambem já revelaram alta importancia em objectos romanos. D'aquelle possuo no meu museu alguns fragmentos de ceramica e *tegulae,* e d'esta um dos monumentos epigraphicos mais notaveis da Peninsula. É o pedestal de uma estatua consagrada ao imperador Octaviano Augusto, unico documento até hoje conhecido comprovativo de que o epitheto de Augusta foi realmente concedido a Braga por este imperador.

Sobranceiro a Semelhe levanta-se o Monte das Caldas, pertencente a Gondisalves e Parada, uma das Citanias que estudei, como adeante se verá. Termina aqui o meu passeio pedestre em volta da cidade.

Mais para longe, a 10 kilometros de distancia, visitei o monte de S. Pedro Fins, que fica *inter ambos rivulos* (Homem e Cávado) numa situação fantastica, encantadora, na passagem da estrada da Geira e sobre as thermas de Caldellas, onde existem embutidas na parede estas duas lapides alli encontradas ha annos [1]:

CAEN	DAB
CIEN	NYM
NYM	PHIS
PHIS	EXVO
EXVO	TO
TO	

Os dois rios deslisam mansamente á direita e á esquerda do monte, avistando-se como largas fitas de prata que pouco depois se juntam, perdendo o primeiro o nome.

Foi tambem uma Citania. Conserva *in loco* numerosas pedras faceadas, fragmentos de pequenas mós, ceramica e tegula romana. O calor e o vento forte d'esse dia não me permittiram mais demorado exame. No logar de Grovos, em Caires, que lhe fica proximo, appareceu uma pedra ornamentada em baixos relevos, igual ás muitas da Citania de Briteiros e do monte Redondo, encontrando-se agora no museu de Guimarães.

Percorridos outros 10 kilometros, eis-me no alto do monte de S. Julião, em Coucieiro, concelho de Villa Verde. Pela sua vastidão e numerosos vestigios de casas circulares, muralhas, etc., póde ser considerada uma Citania importante como a do monte Vermelho, na freguesia de S. João de Rei, concelho da Povoa de Lanhoso, que já produziu varios machados de bronze, dos quaes conservo um. A lenda da cova da Moura é semelhante á de outras povoações do typo d'esta.

Regressando por fim a Braga, cheio de fadiga, marquei dia para subir o Monte Redondo, proximo da Veiga de Penso, no qual os Srs. Manoel M. Barbosa de Oliveira e seu primo o Sr. Dr. Francisco de Faria haviam encontrado vestigios de habitação antiga, dando-me d'isso noticia sem surpresa para mim, diga-se de passagem, porque a posição do monte não podia illudir, mesmo a distancia (por exem-

[1] [Cfr. *Ephemerid. Epigraph.*, VIII, 399.—J. L. de V.]

plo da estrada de Guimarães), quem conhecesse as principaes condições exigidas pelos fundadores das extinctas povoações dos altos.

No dia 22 de Abril de 1899 dirigi-me ás freguesias de Lamas, Veiga, Figueiredo e Guisande, onde não faltam vestigios da dominação romana, e com o auxilio valioso de tres cavalheiros meus amigos os Srs. Antonio da Cunha Araujo Braga, José Joaquim Gonçalves Dias e o Rev.^{do} João Baptista Rodrigues Barbosa, hoje fallecido, pude reconhecer, na Quinta de Carcavellos, em S. Vicente, os vestigios de uma antiga povoação. A rusticidade e singeleza de alguns restos de construcções circulares indicam a pobreza do povoado que póde suppor-se de oleiros, visto existirem naquelle local extensas barreiras de barro superior.

Igualmente encontrei vestigios de antiga civilização num montado proximo da igreja de Lamas.

Na vertente de um monte sobranceiro ao logar de Pipe, freguesia de Figueiredo, encontrou por esta occasião o lavrador Manoel José Ferreira, do mesmo logar, uma talha de barro grosseiro cheia de moedas romanas de cobre, prata e bilhão que immediatamente foram vendidas em Braga por sua mãe Maria Joaquina, viuva.

Os pequenos-bronzes de Constantino, Constante, Constancio, Valentiniano, Theodosio, Magnencio, etc., em quantidade superior a 50 kilogrammas, foram-me obsequiosamente confiados pelos compradores os Srs. Rebello da Silva e irmão, proprietarios da fabrica de fundição de sinos, para um ligeiro exame. Antes, porém, já o Sr. Dr. Antonio Maria da Costa Rebello, então meritissimo Juiz de Direito em Paços de Ferreira, havia escolhido para a sua collecção 32 de Constantino, 2 de Constantino II, 19 de Constante, 17 de Constancio II, 1 de Helena, primeira mulher de Constantino Chloro, 1 de Theodora, segunda mulher do mesmo, 2 de Valente, 2 de Valentiniano, 2 de Delmacio, 1 de Tetrico Senior, 1 de Aureliano, com vestigios de haver sido prateada, 1 de Magnencio, 9 de Juliano, 1 de Juliano II, 1 de Maximiano, 1 de Crispo, 1 de Annibaliano, 1 de Claudio e 1 de Graciano, todas de cobre; um de Constantino, de bilhão, e outro de Crispo, de prata.

Monte Redondo

Seguimos finalmente em direcção ao Monte Redondo que nos ficava a 2 kilometros de distancia, sempre á vista, com a depressão visivel em volta das suas tres muralhas. Chegados á raiz do monte démos principio á ascensão por uma das primitivas calçadas que conduziam á terceira muralha (sempre contando de cima para baixo), gastando no percurso, que tem de ser moroso, 25 minutos puxados. A parte

existente d'esta, como a das duas restantes muralhas, está quasi toda soterrada, talvez desde a origem, visto que o seu duplo fim era amparar a terra e fortificar a cidade. O seu material grosseiro, excepto, já se vê, os grandes penedos que eram sempre aproveitados, levou o destino do das casas, e está empregado em vedações de terrenos e em construcções de edificios nas freguesias mais proximas. Por toda a parte a ceramica ornamentada e lisa, e as *tegulae*, são em tal abundancia que, como disse Chevalier á Academia de Paris a proposito dos silices, «não se póde dar um unico passo sem pisar esses restos do passado».

No dia 29 de Maio visitei pela segunda vez o monte para mais demoradamente examinar todo o espaço que occupára uma das muitas cidades que o homem fortificou obrigado pelo cansaço da guerra, como diz Horacio. Inteirado da importancia d'aquellas ruinas, que ainda hoje nos indicam o local onde muitas vezes soaria alegre e enthusiasta o *vae victis* do conquistador, preparei-me para dar principio aos trabalhos de exploração.

Escrevi para esse fim ao hoje fallecido Sr. Torquato Alvares Ribeiro, proprietario da maior parte das ruinas, pedindo-lhe o consentimento, que logo me concedeu, pondo alem d'isso á minha disposição quinze dos seus jornaleiros, que prestaram optimos serviços desde o dia 23 de Agosto, primeiro de trabalhos methodicos e regulares, inaugurados na presença dos Srs. José Joaquim Gonçalves Dias, José de Oliveira Barbosa, Manoel Ribeiro Braga, José da Costa e Antonio da Cunha Araujo Braga, que na minha ausencia dirigia os trabalhos com uma dedicação superior a todos os elogios, affrontando repetidas vezes a ingremidade do monte e as ardencias do sol. Este cavalheiro amavelmente nos fez servir, dentro de uma gruta formada por elevados penedos, um variado jantar. A guarda de honra era feita á entrada por todos os jornaleiros encostados aos alviões e ás enxadas, numa disposição estudada que lhes rendeu parte das saborosas iguarias e uns decilitros de verdasco.

Já o leitor póde avaliar do enthusiasmo da festa inaugural!

O serviço d'aquelle primeiro dia (desnecessario é dizê-lo) rendeu como em nenhum outro! Ás primeiras cavadelas junto da muralha do alto principiou a apparecer uma longa parede muito bem construida e alinhada, que apresenta de altura quasi 1 metro. Uma fiada de pedras, em fórma de lascas, corre parallela á parede pelo lado sul, semelhando um encanamento. Logo a seguir descobriu-se parte de uma casa circular de esmerada construcção, medindo $4^{m},35$ de diametro interior e $0^{m},60$ de espessura na parede. Ao seu lado corre parte de uma

construcção que ladeia a estreita rua de communicação com outras casas de apparelho igualmente perfeito.

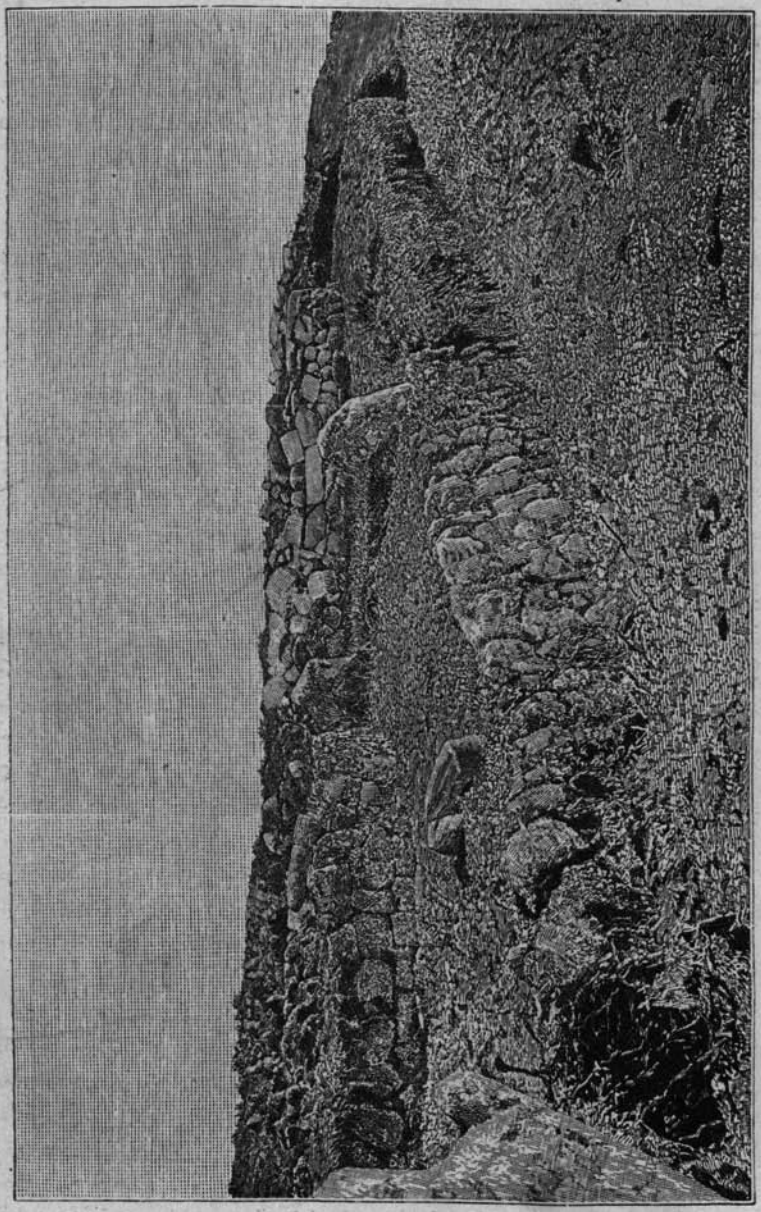

Fig. 2.ª — Castro de Monte Redondo

Junto da referida muralha, de que aqui se reproduz um trecho (fig. 2.ª), ficaram a descoberto as primeiras fiadas de outras casas cir-

culares, de construcção grosseira mas resistente, cada uma mettida dentro de um quadrado de grandes pedras collocadas ao alto. Uma

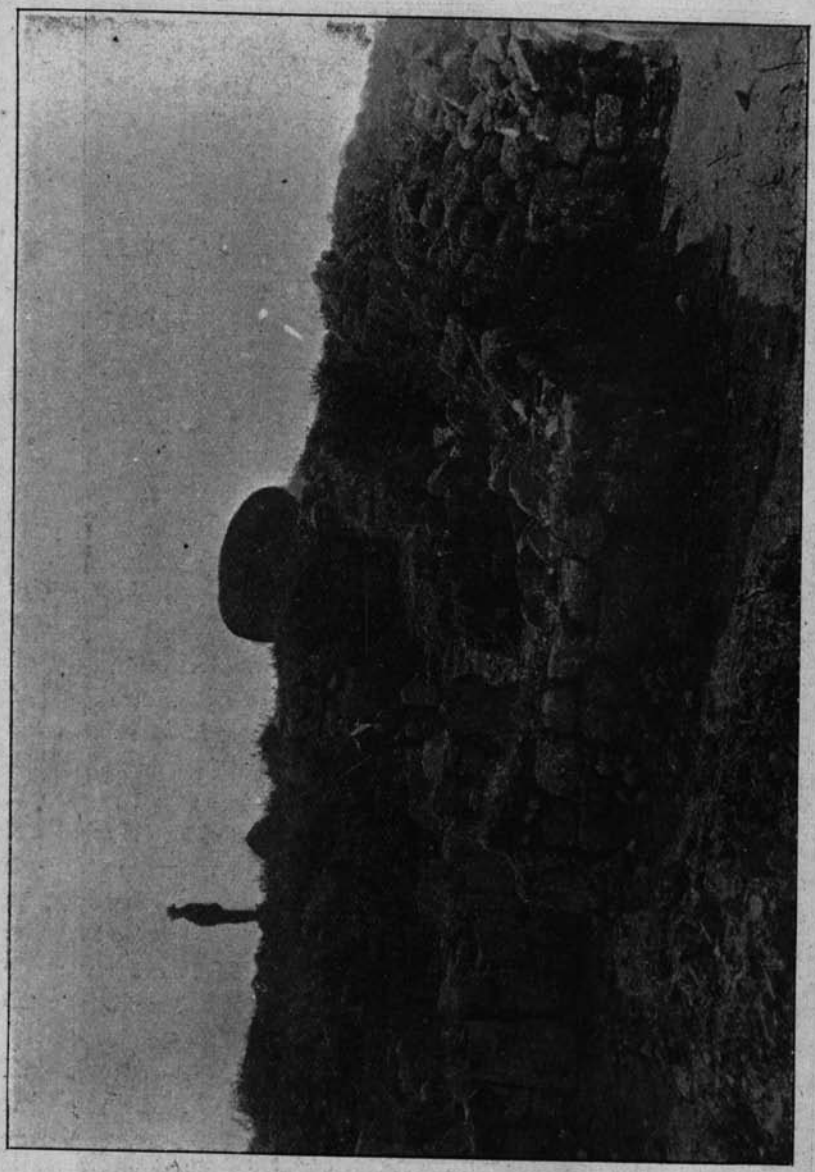

Fig. 8.ª — Casa quadrangular do Castro de Monte Redondo

d'estas casas conserva em volta da parede interior um largo banco de pedra. Um pouco ao sul desentulhou-se outra casa circular de grandes dimensões conservando a porta com um dos humbraes rasgada a menos

de um palmo do solo. Para o nascente puseram-se a descoberto algumas casas quadradas construidas de grandes pedras de esquadria e algumas

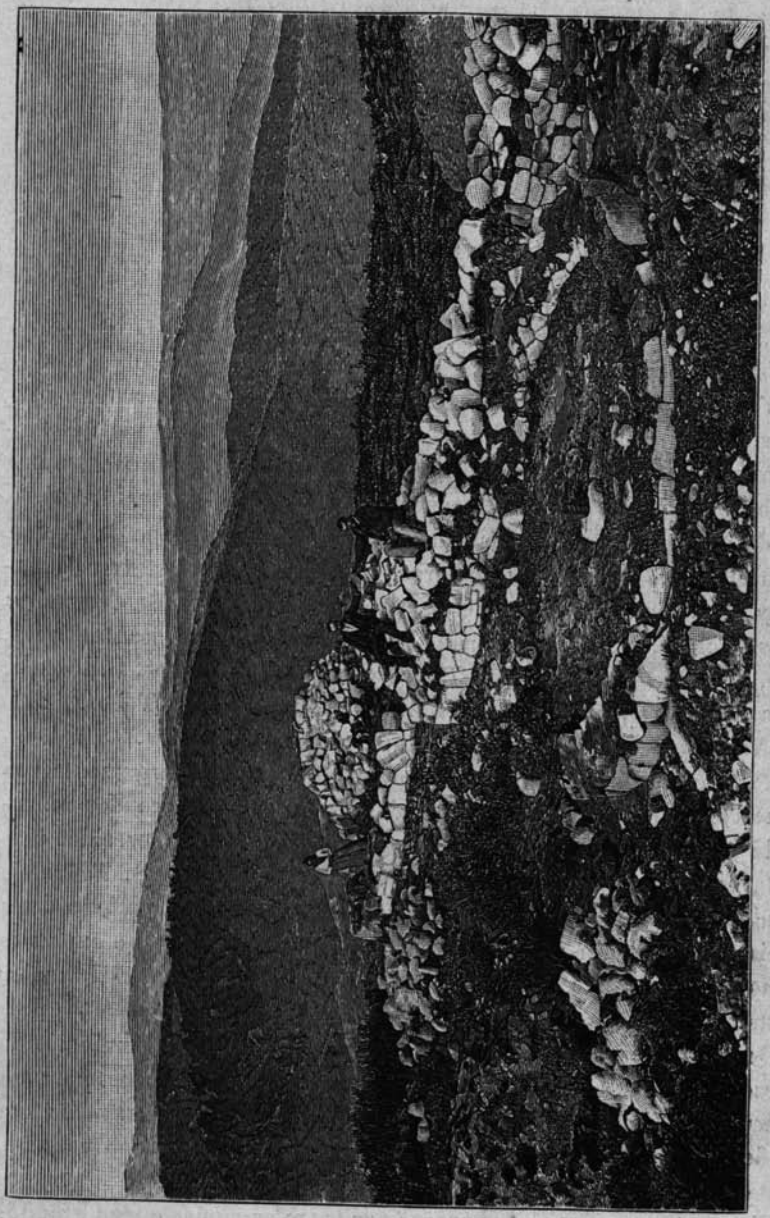

Fig. 4.ª — Casa circular do Castro de Monte Redondo

paredes indeterminadas. São numerosos os vestigios das casas que se agglomeram para a parte sul. De relance pude contar 65 (figs. 3.ª e 4.ª).

Á tarde dirigimo-nos ao cabeço que se eleva a poente, e para onde a povoação do monte Redondo se estendeu. Num penedo ponteagudo que se eleva sobre outros de dimensões formidaveis, lê-se em caracteres elegantes, que já foram dourados, a seguinte inscripção:

NO DIA 6
DE DEZEMBRO DE 1832
VEIO A ESTE SITIO
E SUBIV A ESTAS PEDRAS
SVA MAGESTADE O
SENHOR D. MIGUEL 1.º

Este panorama é dos melhores que conheço.

D'alli, como do alto do Monte Redondo, póde o observador deliciar-se na contemplação de cidades, villas e aldeias, proximas e distantes, num lanço kaleidoscopico admiravel! O observador que se mova em todas as direcções verá, como que passando pela sua frente, a estrada de Guimarães, o monte do Espirito Santo, a serra da Penha, Santo Tirso, S. Pedro de Escudeiros, Morreira, Santo Estevam, Trandeiras, S. Vicente de Penso, Guizande, Lamas, Esporões, Nogueira, Arcos, Lomar, Braga, Montariol, Bom Jesus, Sameiro, Santa Marta, Lage, Moure, Pradó, Cervães, Bom Despacho, Cabanellas, S. Romão, Lama, Barcellos, Famalicão, Arentim, Tadim, Priscos, Tebosa, Ruilhe, Arnoso, Sezures, serras de Suajo, Gerez e Cabreira.

Ao terceiro dia de trabalho o movimento constava largamente nas freguesias limitrophes, e o povo todas as tardes, em grandes magotes, lá ia ao alto do monte informar-se do que tinha apparecido, pois constavam cousas fantasticas. Uma vez o cirurgião de S. Pedro de Escudeiros affirmou aos jornaleiros que o livro de S. Cypriano dava noticia de haver alli um poço com duas grades de ferro, e em volta do monte um cordão de ouro, allusão provavel á saliencia da maior das muralhas.

De outra vez um estudante do Curso Theologico do Seminario de Braga apresentou-se a pedir que lhe mostrassem os Christos que uma mulher de S. Vicente lhe dissera que haviam sido encontrados em grande quantidade!

Por sua vez os jornaleiros, já um pouco cyprianizados, tambem acreditavam que viesse a apparecer por entre as ruinas o sino grande! Estas e muitas outras opiniões extravagantes faziam engrossar os grupos de curiosos a ponto de me ser preciso officiar aos parochos

das vizinhanças, rogando-lhes o obsequio de lerem á missa conventual um officio em que eu pedia ao povo que não continuasse a deslocar as pedras das construcções antigas, mostrando-lhe ao mesmo tempo que não existiam alli thesouros encantados, como erradamente se propalára, e que não só era prejudicial e vergonhoso, mas improprio de gente civilizada, destruir o que muitos outros povos desejariam possuir para gloria da terra que lhes foi berço.

Este appello surtiu o desejado effeito, porque logo os modernos vandalos moderaram os impetos.

Na quinta-feira, 31, fiz a viagem a cavallo, recolhendo a casa cêrca das 11 horas da noite.

A tradição diz-nos que no alto do Monte Redondo existiu uma capella da invocação de S. Mamede, a qual sendo abandonada pelos moradores de Guisande caiu em ruinas. Um lavrador de Cesures (Famalicão) levou num carro de mato a imagem do santo, que desde então ficou sendo o orago d'aquella freguesia.

A primeira muralha mede de circunferencia 1:050 metros. A segunda, numa solução de continuidade, tem o logar da porta ao lado do poente. A terceira está em parte bastante damnificada, sendo hoje difficil de precisar a rigor alguns pontos da sua passagem.

Na segunda-feira 3 de Setembro, do anno immediato, recomeçaram os trabalhos sob a intelligente direcção do Sr. Araujo Braga, tendo eu para esse fim voltado com elle ao monte no dia 28 de Agosto (terça-feira), vespera da minha partida para Vizella, onde estive a uso de banhos até o dia 8 de Setembro. No dia 13 surprehendeu-nos no alto uma temerosa trovoada que nos intimou marcha forçada até a Cabrainha, onde quasi me vi na necessidade de pernoitar.

No dia 24 de Setembro de 1900 terminaram definitivamente os trabalhos, sendo o acto de encerramento celebrado no domingo 27 de Outubro em casa do Sr. Gonçalves Dias e na do Sr. Araujo Braga.

Motivos muito superiores á minha vontade impediram-me de dar mais amplo desenvolvimento a esta exploração. A área a pesquisar pertence a quatro proprietarios, dos quaes apenas um, o fallecido Sr. Torquato Alvares Ribeiro, se prestou sem difficuldade, como noutro logar se diz. Ainda assim a parte que descobri habilita-me a assegurar que viveu alli uma civilização em tudo igual á da Citania de Briteiros, estação archeologica com a qual esta não ficaria mal avantajada em confronto, depois de completamente explorada.

O typo da povoação é o mesmo, a mesma ornamentação das pedras e dos edificios, o mesmo systema de construcção, a existencia de fibulas, contas de ambar, fragmentos de *tegulae* e de *imbrices*, uma macha-

dinha de pedra, moedas romanas, escumalho de forja, e finalmente uma inscripção lapidar!

A bolsa particular poucas vezes póde supportar despesas como estas a que me via forçado com as excavações nos tres referidos montes.

Por isso na telegraphia de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro* de 26 de Maio de 1899 se lia o seguinte: «Na Associação dos Archeologos Portugueses foi lido um officio do Sr. Albano Bellino, em que pedia um auxilio pecuniario para continuar as suas explorações archeologicas nos arredores de Braga, resolvendo-se responder que a Associação ia officiar á Camara de Braga para lhe prestar todo o auxilio, pois os recursos da Associação não permittiam dar-lhe auxilio pecuniario».

Effectivamente a Camara recebeu o alludido officio, pois na acta da sua sessão de 5 de Junho lê-se o que segue: «Recebido um officio da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, solicitando um subsidio para a exploração dos monumentos romanos a que vae proceder, nas cercanias d'esta cidade, o seu consocio o Sr. Albano Bellino. A Camara, conscia do alto valor intrinseco dos estudos archeologicos e da subida importancia que a archeologia tem com relação á historia antiga, esclarecendo factos mal sabidos e determinando outros completamente ignorados, com o testemunho certissimo e sempre vivo dos monumentos que pesquisa e estuda, certa de que esta terra, na qualidade de importantissima chancellaria da Peninsula, os possue valiosissimos e numerosos ainda, não obstante as irreparaveis perdas de que a ignorancia de uns e a incuria de outros, tem sido causa, resolve prestar todo o auxilio ao seu alcance ao illustrado socio da Real Associação o Sr. Albano Bellino, não só com relação ás explorações nas circumvizinhanças de Braga, pondo á sua disposição os cantoneiros municipaes que possa dispensar, e considerando benemeritos, dignos da gratidão publica, todos quantos auxiliem no desempenho d'esta patriotica missão tão dedicado archeologo, assim como resolve tomar em consideração quaesquer indicações suas para promover a conservação dos monumentos romanos existentes nas Carvalheiras e em outros pontos da cidade, emquanto se não póde fundar um museu archeologico como era da vontade d'esta corporação».

Propositadamente trasladei da acta estes periodos que fazem honra á vereação presidida pelo Sr. Dr. Balthazar Aprigio de Ferreira de Mello.

Com respeito á ultima parte lembrei á Camara que officiasse ao Ministerio das Obras Publicas, a pedir a expropriação do *Idolo* como monumento nacional protohistorico de primeira classe, sujeito a ser inu-

tilizado por qualquer proprietario do quintal da rua dos Granjinhos, onde se encontra tão notavel reliquia do passado; e que para a Alameda das Carvalheiras, onde fiz collocar mais um milliario romano de Constante (?), que o rapazio rolava á vontade.., e um fragmento de inscripção que para lá removi do andaime direito da rua da Cruz de Pedra, fosse requisitada a permanencia de um guarda da policia civil.

Igualmente propus que as duas lapides da rua da Palmatoria, bastante salitradas, fossem pedidas com o fim de se evitar a sua completa destruição, mas, infelizmente, nada d'isto se fez.

Dos cantoneiros poucas vezes pude dispor. Quando eu os requisitava, estavam sempre occupados em trabalhos de desinfecção!

Depois de muito instar, concederam-me durante os 3 dias que precederam a romaria de Santa Marta quatro dos melhores (valha a verdade), com os quaes parti na madrugada de 26 de Julho para o referido Monte Maior ou de Santa Marta, acompanhando-me os meus amigos Srs. José de Oliveira Barbosa e Antonio da Cunha Araujo Braga. Em 17 de Junho antecedente já eu havia examinado o local em companhia do primeiro, de seu irmão o Sr. Conego-Prior de S.Victor e do Sr. Simões Braga.

Monte de Santa Marta

Iniciei as excavações no vastissimo espaço comprehendido, pelo lado sul, entre a primeira e segunda muralhas, porque julguei dever ser aquelle o principal ponto de ataque, embora os vestigios das construcções rareassem alli por effeito da applicação da pedra á construcção do edificio do extincto convento, da capella de Santa Maria Madalena e de muitas casas e paredes circumvizinhas, como facilmente se póde verificar.

Ha na freguesia de Esporões (Asperões) quem se lembre de serem desfeitos muitos poços (casas circulares) para se lhes aproveitar a pedra.

Alguns lavradores caseiros que roçam o mato naquelle monte, affirmaram-me que haverá oito annos existia junto das casas quadrilongas uma grande pedra com letras que certamente foi levada para soleira ou verga de porta.

As duas casas circulares que primeiro desentulhei em terreno do já fallecido Sr. João Antonio Gonçalves Braga, são de typo mais arcaico do que ás restantes e, como algumas do Monte Redondo, acham-se dentro de fortes construcções quadradas em que foram empregados grandes blocos.

No desentulho appareceu grande quantidade de *tegulae*, tijolos grossos, uma pequena mó de moinho de mão (*mola manuaria*) truncada,

e os seguintes pequenos bronzes de Constantino, Constante e Constancio.

ANV.—DN CONSTANTIVS P F AVG (*Dominus Noster Constantius, pius, felix, augustus*).

Busto diademado de Constancio II, á direita, com a couraça.

℞.—SPES REIPVBLICE. O imperador á esquerda, vestido de militar, com a lança e o globo. Está cortado no exergo.

ANV.—CONSTANTINVS IVN NOB C (*Constantinus Junior nobillissimus caesar*).

Busto laureado de Constantino 11.º, á direita, com o paludamento.

℞.—GLORIA EXERCITVS. Dois soldados em pé, com as lanças apoiadas nos escudos, e entre os dois uma insignia militar, com a lettra G no estandarte.

ANV.—DV CONSTANTINVS PT AVGG (*Divus Constantinus pater augustorum*).

Busto de Constantino, com o véu, á direita.

℞.—VN MR (*Veneranda memoria*).

A Piedade em pé com o véu e as mãos cobertas com o vestido, á direita.

ANV.—FL IVL HELENAE AVG (*Flaviae Juliae Helenae augustae*).

Busto diademado, á direita.

℞.—PAX PVBLICA. A Paz á esquerda com o sceptro e o ramo de oliveira; no exergo CONSS.

ANV.—CONSTANTINO-POLIS. Busto de Constantinopla, com o capacete laureado, manto e sceptro.

℞.—VICTORIA AVG. A Victoria, com o pé sobre a prôa de um navio, apoiada ao escudo.

Ainda dentro da segunda muralha, á margem da rua principal que desce na direcção do nascente, existem vestigios de casas quadrilongas, uma das quaes foi explorada, encontrando-se a $0^{m},40$ de profundidade numerosos fragmentos de *tegulae*, imbrex e tijolos com differentes marcas figulinas.

Em qualquer ponto do monte o alvião põe facilmente a descoberto vestigios de civilização antiga.

Dentro da primeira muralha fez-se o desaterro de outra casa circular que, entre varias miudezas vulgares, produziu dois pequenos bronzes e alguns fragmentos de um vaso de vidro amarello-claro. Proximo d'esta casa, em terreno possuido pelo fallecido Sr. Conselheiro Jeronymo Pimentel, abriu-se então um poço em procura de agua, mostrando o córte do terreno, a $0^{m},60$ de profundidade, bastantes fragmentos de ceramica de pasta cinzenta misturada de mica branca e

muitos outros fragmentos cobertos de levissimo verniz (emboço de grafite).

As duas espessas muralhas de que existem vestigios são construidas de pedras soltas de boas dimensões, podendo servir de projecteis contra os invasores dos primeiros tempos.

Existem nas proximidades da primeira muralha grandes massas graniticas com córtes ou encaixes, como no monte de S. Martinho de Mouros (Rèsende), formando outras extensas grutas que bem dignas se tornam de exploração. Algumas foram já soterradas com o terrapleno do alto em que assenta a capella de Santa Martha dos Cortiços, obra do principio do sec. XVI, como o indica o arco interior encimado pelo brasão do Arcebispo D. Diogo de Sousa, e duas cabeças de pedra representando animais mythologicos, encravadas na parede exterior das costas da referida capella. Anteriormente devia alli haver outra capella da invocação de S. Pedro, como noutro logar se diz.

A avaliar pelo numero e dimensões dos penedos que mal deixam distinguir a antiga directriz da primeira e terceira muralhas, a Citania de Santa Marta devia offerecer aos atacantes formidavel resistencia. Em muitos d'estes penedos distinguem-se as vulgares còvinhas (*fossettes*), os circulos concentricos, as espiraes, etc.

Já fóra do alcance da terceira muralha, nas proximidades da capellinha de Santa Marta do Leão e do extincto convento, existe um d'esses penedos, bastante desaprumado do lado em que gravaram esta brevissima inscripção: GRANDIA MALA MEIA.

O desaprumo, a meu ver, foi aproveitado pelos frades para collocarem naquella pequena gruta a imagem de Santa Maria Madalena a chorar os seus grandes males. É o que nos estão indicando os alludidos dizeres.

Quem do planalto do monte desce para o lado do poente, sempre á vista da cidade de Braga, segue por uma das duas ruas que se cruzavam no alto da extincta Citania, encontrando pelas suas margens numerosos monticulos de pedras poligonaes, como a indicarem o local de cada uma das casas circulares de que proveem.

Por este lado do monte ainda hoje se observa o esbôço de pequenos tratos de terreno socalcado que devia ser cultivado pelos moradores da Citania, pois a exploração agricola—centeio, trigo, cevada, milho, painço, aveia, feijão, ervilhas, lentilhas, e a cultura dos castanheiros, oliveiras, pereiras, macieiras, figueiras, etc., tinha logar em volta e nas proximidades dos montes.

No monte das Caldas conservam-se iguaes vestigios que não devem surprehender ninguem, e muito menos os archeologos a quem a historia antiga falla como gente.

Na segunda-feira 8 de Maio de 1899 percorri com o Sr. Araujo Braga toda a rua sul-norte, partindo por Esporões, e notámos que existem numerosos fragmentos de telha de rebordo a pequena distancia da muralha maior.

Devolvamos agora á Camara os caros cantoneiros, denodados defensores da hygiene publica ameaçada pela terrivel peste.

Monte das Caldas

Divide as freguesias de Semelhe e de Sequeira, ás quaes pertence, e descobre-se perfeitamente de varios pontos da cidade de Braga. Teve antigamente a denominação de monte S. Mamede.

Fica sobranceiro á povoação que os Romanos denominavam *Villa Samuella,* nos documentos antigos *Parada de Samuel,* e actualmente Semelhe.

Na Veiga de Sam-Darão, d'esta freguesia, appareceram em 1858 vestigios de edificações, tijolos romanos, pedaços de encanamentos, uma moeda de prata do imperador Tiberio, duas de Antonino, outra de Agripina e numerosas de cobre. O nome de Caldas parece provir de alguma estação thermal de que não existem vestigios; apenas hoje se encontram uns veios de agua sulphurosa e ferruginosa aos lados norte e nascente, um pouco acima da igreja parochial de Gondisalves. Em vista dos numerosos vestigios de habitação romana em Semelhe, onde, como fica dito, descobri em 1897 o mais notavel monumento epigraphico até hoje conhecido, não será absurdo conjecturar-se que a povoação do alto, forçada ou voluntariamente, viria estabelecer-se na planicie.

Visitei a primeira vez o monte das Caldas, attrahido pela sua configuração, no sabbado 20 de Julho, e de todas as vezes que d'ahi em deante o percorri tive por amavel companheiro o Rev.^{do} João Bàtista, parocho de Semelhe. Da ultima vez acompanharam-nos os Srs. Luis do Valle Campos Barreto e José de Oliveira Barbosa.

Da parte mais culminante, onde deve ter assentado a cidadella, goza-se um horizonte lindissimo. Descobre-se perfeitamente Braga, o monte de Airó, o Monte Redondo, a fabrica de Ruães, as freguesias de Sequeira, Priscos, Villaça, Tadim, S. Julião, Cabreiros, Martim, Aveleda, Ferreiros, Veiga, Esporões, Lamas, Gondisalves, etc.

Na extremidade sul ergue-se quasi a prumo um aspero cabeço, que deve ter servido de ponto de observação aos habitantes d'aquella extincta povoação.

A muralha, que ainda hoje se póde seguir em quasi toda a volta, conserva á parte norte um panno curioso de que aqui dou photogra-

vura [1], presentemente ameaçado pelo córte de uma extensa pedreira que lhe serve de alicerce e pela construcção de um paiol de dynamite e polvora, naquella parte do monte que mais vestigios revela de extinctas civilizações. Com este fim já o negociante bracarense Sr. Sebastião Santos da Cunha obteve da Commissão de explosivos parecer favoravel e do Governo a autorização competente.

Para eterna vergonha dos nossos governantes, vamos nós, os archeologos, registando a existencia do que ainda agora podia ser salvo em proveito da nossa remota historia, mas que brevemente desapparecerá sem remedio, pois assim o querem os utilitaristas incorrigiveis.

As mós manuarias, a telha de rebordo, os tijolos, a ceramica fina e grosseira, tudo alli se encontra bem representado em innumeros fragmentos.

Os diminutos restos das construcções circulares que afloram á superficie do solo, accusam um certo atraso que provavelmente não indica maior antiguidade, pois temos em compensação a muralha mais bem construida do que as do Monte Redondo onde, como já dissemos, a arte mycenia se revela perfeitamente como na Citania de Briteiros. É possivel que a pedra polygonal bem talhada levasse o conhecido destino da que nas demais Citanias existiu abundantemente na proporção da quantidade de casas e muros d'aquellas extinctas povoações fortificadas.

Uma excavação methodica e desenvolvida, levada a effeito nas ruinas das principaes Citanias portuguesas, poderá ainda esclarecer esta e muitas outras duvidas que existem acêrca da civilização, artes, linguas, crenças, costumes e monumentos das raças que nos precederam, pois é certo que os mais valiosos subsidios para o perfeito conhecimento da historia dos povos antigos em Portugal permanecem (e quem sabe por quantos seculos ainda) occultos sob o solo.

Excavações no Monte Redondo

Voltarei por ultimo a occupar-me do monte Redondo, para que se conheça o resultado das minhas investigações no local e o do desentulho das casas, ruas, praças, etc. Descreverei tudo com toda a minudencia para que os objectos autenticos possam, pelo confronto, denunciar os que porventura se apresentem apocryphos.

Muito proximo da raiz do monte existe a humilde capellinha do Senhor da Consolação dos Afflictos, junto da qual deve passar quem mais facilmente deseje visitar as velhas ruinas.

---

[1] [Esta photogravura não appareceu entre os papeis de Bellino.—J. L. de V.]

A breve espaço apparece á esquerda o *Penedo do sapo,* que nós assim denominamos em virtude da sua configuração representar o inoffensivo batrachio.

Presta um bom serviço aos admiradores da natureza quem conseguir evitar que seja destruido este monumento esculpturado, como suppõe Pierre Perrautin, pela acção e movimento das geleiras. Na serra da Estrella são conhecidos tres penedos ou grupos d'elles, representando um a cabeça de uma velha, outro a de um preto, e o terceiro a figura de um elephante.

Em Condeixa outro representa perfeitamente um frade com um capuz. No monte de S. Miguel, ao norte de Geraz, concelho da Povoa de Lanhoso, vi eu ao fim de uma tarde de verão varias configurações caprichosas de anthropoglyphitas formadas pelas grandes massas graniticas que no alto se amontoam.

A poucos passos do *Penedo do sapo,* e á sua direita, principia uma das ruas que conduziam á extincta Citania do Monte Redondo. Enveredemos por ella.

De longe em longe ainda pisamos lagedos que os constructores aproveitaram, como era de uso, na calcetaria (silhares) do pavimento de pedras polygonaes hoje desfeito. Não faltam por aqui fragmentos de ceramica de industria esmerada em que se conhece o uso da roda do oleiro, assim como outros de trabalho grosseiro, em parte de argila micacea, e composta de grãos de quartzo e de spatho calcareo, de vasos á mão, e de ornamentação pontilhada, tudo á mistura. Muitos d'estes cacos teem a capa interior negra e a exterior parda ou cinzenta, coloração esta que M. Louis Lartet[1], attribue á acção prolongada das brasas candentes com que se enchera o vaso para ser cozido.

São tambem frequentes os bocaes de vasos com asa interna para poderem soffrer a acção do fogo.

Os enxurros das aguas pluviaes arrastaram do alto estes restos para que o viandante curioso por elles tivesse noticia de que ha muitos seculos, naquelle monte elevado, agora coberto de mato e de ruinas, viveu um povo com todos os confortos domesticos proprios da sua epoca.

Somos finalmente chegados á terceira muralha que, como as duas restantes, rodeia o monte e é construida em sêco com pedra de pequenas dimensões, em fórma de parapeito.

O fosso interior, hoje atulhado, semelha uma larga estrada plana que se percorre agradavelmente em grande parte do monte. Dentro

---

[1] *Instruments et poteries primitives de Coeva Lóbrega.*

d'esta muralha abundam os vestigios das casas unicamente para o lado sul e ainda numa parte do nascente.

Entremos na segunda e primeira, onde emprehendi excavações que me propunha ultimar de modo que satisfizesse as maiores exigencias.

Neste meu vasto plano entrava a completa remoção dos entulhos, depois de minucioso exame, para um determinado ponto afastado das muralhas, e depois d'isto a reconstrucção de um bairro orientada escrupulosamente nos vestigios que existem e nas noticias que nos ficaram dos antigos escritores classicos mais autorizados no assunto.

Não foi pequeno o trabalho que tive para colligir os elementos precisos, pois photographei, medi e estudei por vezes *in loco* as ruinas da Citania de Briteiros, as unicas que no país offerecem optimas condições de estudo. Trabalho baldado, é verdade; mas a minha desillusão gerou, ainda assim, o presente estudo que algumas novidades revela aos curiosos da especialidade. Nelle deixo archivado da colheita o que me penalizaria perder.

A gruta a que noutro logar me refiro, e onde em alegre convivio manducámos o jantar inaugural, é formada pelas anfractuosidades de altos rochedos, dispondo interiormente de espaço não inferior ao das maiores casas circulares do local. Foi sem duvida um seguro abrigo dos fundadores da Citania, que alli podiam viver còm as mesmas senão maiores commodidades do verdadeiro homem das cavernas, que ha alguns milhares de annos vestia pelles de animaes e fazia uso de armas e utensilios de pedra lascada e de osso lavrado, existindo ainda agora d'elle representantes na Africa e Oceania.

Uma excavação feita no solo d'esta gruta produziu a machadinha de schisto ardosiano (basalto?), de fórma trapezoidal ou de cunha, que vae representada no 2.º degrau da fig. 5.ª, e um machado de ribeirite ou callaite, provavelmente amuletico, porque o seu tamanho, 0^{m},08 de comprimento, não nos autoriza a suppô-lo de uso domestico.

Igual applicação teve, sem duvida, um machado de bronze de 0^{m},05 de comprimento e 0^{m},02 de largura, que existe no museu de Guimarães.

A pequena distancia, para norte, está um grande penedo com uns pequenos degraus cavados no dorso e encimados por um D muito distincto. Com algum esforço pareceu-me descobrir mais um M e um S quasi desfeitos. Seria então a conhecida formula sepulcral *Diis Manibus Sacrum*, em que não creio muito pela novidade de apparecer gravada num penedo.

Outros penedos com as vulgares esculturas de circulos concentricos, espiraes, etc., se existiram, o que é provavel, não existem hoje. Apenas no ponto que deve ter sido occupado pela cidadella existe um

penedo quasi esferico, no alto do qual estão gravadas oito das conhecidas còvinhas prehistoricas (*fossettes*) ligadas por sulcos, muito maiores, pois tem o diametro de 0m,65 e de 0m,40.

Em todo o monte são raros os penedos, o que não quer dizer que não abundassem noutro tempo. Por todo aquelle grande espaço não faltam vestigios da ceramica samiana ou aretina, de Arezzo (cidade da antiga Etruria), pasta fina vermelha lustrosa, do typo dos vasos gregos que, como as armas de bronze, era muitas vezes importada de outras regiões onde as industrias já então floresciam, salvo o caso de se tratar de alguma das frequentes imitações das fabricas de ceramica de Tarragona [1].

Um dos achados mais importantes é esta ara votiva, este *ex-voto* de pedra broeira, dedicado por Se-.. Hermes pela saude de ...

O trabalho do artifice ou *faber*.. é imperfeito, como todos os da decadencia do imperio [2]:

PROS
TCNSC
REOSEI
HERMES
V·S·L·M

Seius Hermes cumpriu de boa vontade o voto feito pela saude de ...

Segue-se o tronco de uma estatua (fig. 5.ª, 2.º degrau) a que faltam os braços e a cabeça. Não foi possivel encontrar a parte restante, embora para esse fim se envidassem os maiores esforços.

No desentulho da primeira casa circular appareceu uma conta de ambar amarello, em fórma de disco, que deve ter pertencido a algum collar de adorno como o que se guarda no museu de Saint-Germain,

---

[1] Considera-se o objecto mais antigo da ceramica uma urna grosseira, da segunda epoca da idade da pedra, a qual foi encontrada por M. Edouard Dupont na caverna de Furfooz. Os progressos da olaria datam da epoca do bronze. Era ainda desconhecida a roda do oleiro, mas o emboço de graphite (plombagina) já então cobria os vasos de fino barro, pois é sabido que na Hispania madrugou o aperfeiçoamento da industria, o que ainda assim não obstou a que a Peninsula continuasse a importar da Italia muitos dos barros de que nos restam fragmentos com inscripções.

[2] [Cfr. *Additamenta Nova ad Inscriptiones Hispaniae Latinas*, Berlim 1903, p. 101, onde Hübner se refere a Bellino.—D'esta inscripção me occupo no vol. III das *Religiões*, mas interpreto de outro modo as linhas 2-3.—J. L. de V.]

e provavelmente originaria da costa meridional do Baltico, onde a noite era brevissima no verão, como refere a *Odissea* (x, 86), occupando-se da região chamada dos *Lestrigones*, que se julga ser a Gran-Bretanha, e que certamente foi a região do ambar possuida pelos Ligures septentrionaes, e da qual estes, como diz Avieno, foram expulsos pela invasão celtica.

A referida conta de ambar mede de diametro 0m,03 e pertence á epoca do bronze, como uma fibula tambem encontrada, e cuja ornamentação, que eu saiba, só tem similar na que vem representada in *Portugalia*, tom. I, fasc. 3, est. XXIV, encontrada numa das grutas de Alcobaça, exploradas pelo distincto archeologo Sr. M. Vieira Natividade.

Está averiguado que as fibulas (alfinetes de prisão e adorno) eram usadas pelos citanienses, mulheres e homens indistinctamente, na epoca punica e idade do ferro, e já tem sido encontradas em sepulturas romanas inhumatorias, juntamente com vasilhas, moedas e aneis.

Esta do Monte Redondo appareceu fóra das muralhas entre bastantes fragmentos de *tegulae* que podiam ter pertencido a alguma das referidas sepulturas, pois tem sido encontradas nas necropoles luso-romanas forradas de tegulas ao alto bem unidas. No local não encontrei vestigios de necropole, o que muito seria para desejar, visto suppor-se que as inhumações da epoca não tinham logar *intra muros*.

A fibula devia ter a cabeça do alfinete introduzida no orificio do aro de dois bordos salientes e cujo dorso convexo apresenta a ornamentação em dente de lobo, muito vulgar, da ceramica prehistorica; a face interior do aro é plana e lisa, e o pé, em aneis miudos, termina por uma glande.

A goteira está bem conservada. O orificio do aro, como fica dito, não permitte suppor-se que a espira se enrolasse unilateral ou bilateralmente, como era frequente.

É possivel que a fórma S de quasi todas as fibulas seja uma representação de patos ou cysnes, como Cartailhac descobre na ornamentação prehistorica.

É tambem de bronze uma forte fivela fragmentada, com fusilhão, muito corroida do verdete, encontrada nos escombros de outra casa.

Da mesma proveniencia recolhi uma fusaiola ou cossoiro (esfera de barro achatada com orificio cilindrico ao centro), sem ornamentação, denominada *fusaiuola* na Italia, em cujos terramares é frequente a descoberta d'estes objectos, por ser tida como volante ou peso de fuso, embora Nadaillac, em virtude da grande quantidade, supponha serem objectos religiosos, devendo ainda existir no seio da terra muitos mais.

São numerosos os bicos fundeiros das amphoras e dos dolios que, como é sabido, eram grandes vasos de barro em que os romanos guar-

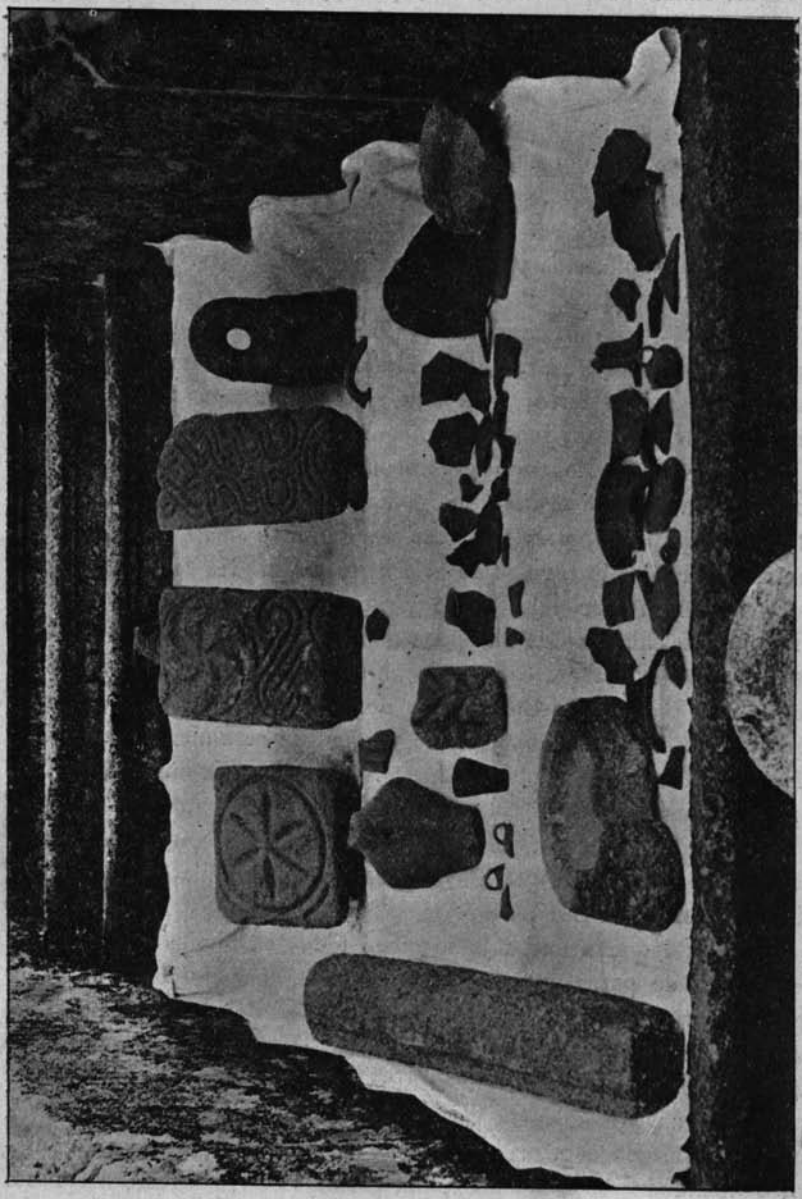

Fig. 5.ª — Museu de Albano Bellino

davam o vinho, o azeite e frutos secos, supportando-se na terra ou em supportadores de barro cozido.

Os baixos relevos que vão representados na fig. 5.ª, foram desenterrados junto das casas, como os da Citania de Briteiros e os de Tyrintha, Mycenas, etc., constituindo mais uma prova de que a arte mycenia, que floresceu entre o XV e XII seculos a. C., influindo na pintura ceramica da Iberia até muito tarde, como refere Pierre Paris na sua obra recente intitulada *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, predominou em todas as nossas povoações pre-romanas.

Numa a roseta sexifolia e noutra o suastica (sanscrito) modificado, um e outro emblema usados com frequencia nas inscripções romanas funerarias. M. E. Burnouf considera o suastica um sinal ariano por excellencia.

Então, como agora, umas povoações eram mais pobres que as outras, e a sua ceramica apurada e grosseira, motivo por que nem todas as ruinas podem accusar progressos na arte de construir, ou o *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci* de Horacio, nem as differentes qualidades da louça podem servir para se determinarem epocas.

O sabio archeologo Sr. Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz, assegura-me que ainda na segunda idade do ferro se fabricava no valle do Mondego ceramica com o typo da idade da pedra, de pasta impurissima, misturada com spatha calcarea moida ou areia, e trabalhada á mão; que em uma sepultura de Marateca, proximo de Lagos, pertencente á epoca romana, se recolheu um vaso trabalhado á mão; que em estações luso-romanas do valle do Mondego appareceram restos de vasos, de pasta primitiva, mas trabalhados á roda; e finalmente que o ornato de impressões ou incisões nos bordos dos vasos, muito commum nas estações pre-romanas da idade do ferro d'aquella região, apparece já em louça da idade da pedra numa caverna em Porto do Mós.

No interior de uma casa circular appareceu fragmentada uma elegante lucerna de barro alvadio, semelhante ás hispano-mahometanas. Tinha razão Goethe quando dizia: «Não vejo invenção mais util que a de uma candeia que arde sem ser espevitada».

De barro de igual côr, em que são seguros os vestigios da roda do oleiro, devo á obsequiosidade do Sr. Dr. Antonio J. da Silva Correia Simões, conego da Sé de Braga, a posse de um vaso (*unguentarium*) encontrado numa sepultura romana. Seu respeitavel pae, Manoel Luis Simões, fez acompanhar da seguinte descripção o referido objecto: «Na freguesia da Madalena de Villar, concelho de Barcellos, proximo de uma capella da invocação de Santa Maria Madalena, havia uma bouça de mato e pinheiros, que hoje está reduzida a cultura. Ao roteá-la appareceu uma especie de tanquezinho de 2 metros de comprido, 0^{m},80

de largo e 0m,50 de altura, com o lastro de tijolos e os lados de pedra de esquadria, coberto de pedras alguma cousa grosseiras; dentro es-

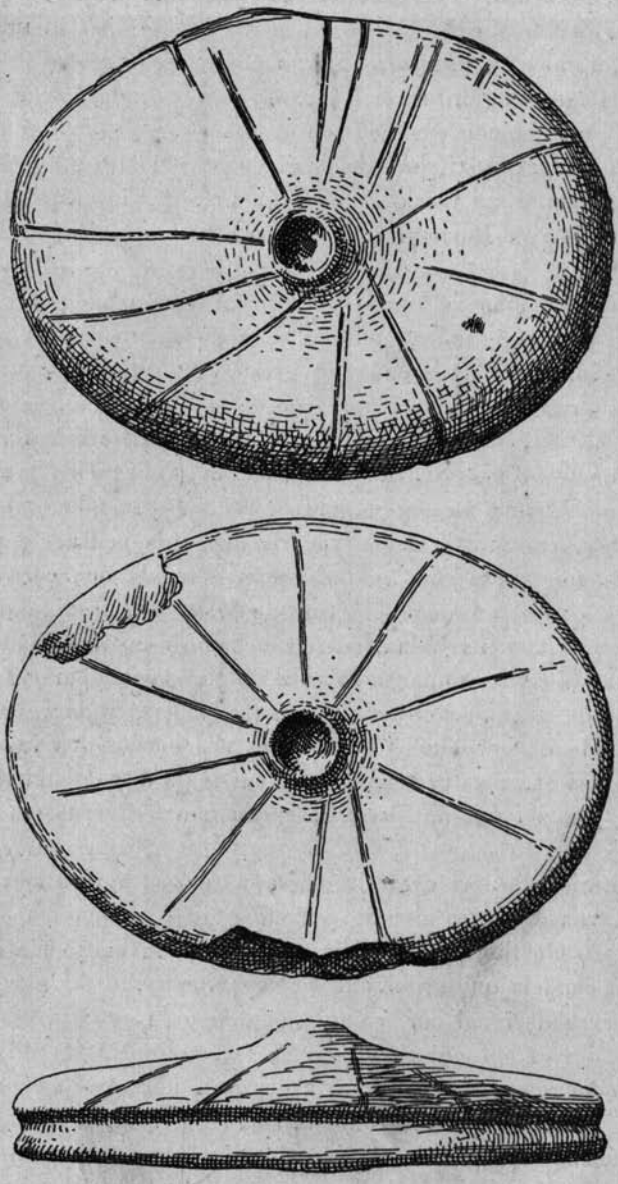

Fig. 6.ª — Objecto de pedra achado em Monte Redondo (tres aspectos)

tavam tres vinagreiras de barro tendo duas d'ellas em relevo umas figuras allegoricas, etc.».

Um dos problemas que se me afiguram de mais difficil resolução, é o objecto de pedra em fórma elliptica encontrado nas ruinas. Fig. 6.ª

Tem ao centro, de um e outro lado, dois orificios que não communicam entre si, abertos, ao que parece, com um cone. De um lado é plano e do outro convexo, partindo de cada um dos orificios dez raios divergentes mal traçados e sem ordem, que se ligam ainda que mals Tem em toda a volta um sulco pouco pronunciado.

Ernest Breton (*Pompeia*, pp. 252 e 253), sob o titulo *Alfandega ou peso publico*, diz que o valor dos pesos romanos era indicado por inscripção ou por pontos fundos, ou em relevo, e accrescenta: «Deve-se observar que muitas vezes os pesos e medidas tomavam a fórma dos objectos que se vendiam nas lojas em que eram empregados».

Ora o objecto de que me occupo tem a fórma de um pequeno pão. Seria pois um peso de padaria, e os dez raios indicariam o seu valor?

Na *Portugalia* (fasc. 4, pp. 708 e sgs.) dá-se conta de varios objectos idolares de pedra interessantissimos, pedras zoomorphicas e anthropomorphicas, existentes no museu Brenha, na Povoa de Varzim, e provenientes dos dolmens transmontanos de Villa Pouca de Aguiar, explorados pelos Srs. P.es Brenha e Raphael Rodrigues.

A esse rico espolio que o Sr. Ricardo Severo esclarece num *Commentario* erudito, e cuja descoberta constitue entre nós, que não na França, uma novidade archeologica da epoca mesolithica, em que já se lavrava o osso e esculpia a pedra ainda lascada, pertencem tambem umas pedras globulares, bastante parecidas com a que eu possuo do Monte Redondo, e as quaes o Sr. P.e Brenha denomina *simbolos do sol*. Na 2.ª figura representa-se um dos vulgares tranqueiros das vedações dos quinteiros das casas e igualmente dos muros que vedavam os pequenos grupos d'ellas, ou ainda um dos humbraes das portas das habitações. É o que se deprehende do sulco ou rasgo que apresenta em toda a extensão.

Appareceu tambem, alem de muitos bicos fundeiros, ou pés de grandes vasos, com reforço interior, um grande machado grosseiro de schisto dioritico, dos que entre nós são pouco vulgares, e muitos schistos rolados.

Os fragmentos das pequenas mós (*molae manuariae*) ou moinhos portateis, ainda hoje usados pelos kabilas da Argelia, e posteriores aos que se usaram na epoca da pedra polida (uma pedra cavada sobre a qual rolava um seixo a esmagar o grão), são aqui frequentes. Recolhi alguns no meu museu, onde guardo os demais objectos descritos, recolhendo tambem uma mó completa (pé e andadeira). Estas mós manuarias são pre-romanas, do segundo periodo da idade dos metaes,

epoca do ferro. O povo-rei adoptou-as, como muitos outros objectos e costumes, entregando aos escravos o trabalho de as mover.

A raridade das fibulas e fusaiolas provém da falta de excavações e acurada investigação dos entulhos removidos. Quando isto se fizer, teremos não só cousas novas, como convém, mas muito mais aumentado o numero dos materiaes conhecidos, do estudo dos quaes depende a solução de muitas questões historicas.

Braga.

Albano Bellino.

Subsidios para a historia da numismatica portuguesa

Descrição de moedas da nossa collecção

Preliminares

I

Não vamos fazer uma descrição geral de moedas, nem mesmo o catalogo da nossa collecção, porque nem aquella, pela sua amplitude, nem este, por ser assunto particular, tinham cabimento no *Archeologo*.

Limitamos o presente trabalho á descrição de algumas moedas, acrescentada de várias considerações que nos foram suggeridas pelo estudo e pela observação.

Os exemplares que possuimos são pouco numerosos, mas entre elles ha alguns menos vulgares, e variedades desconhecidas, talvez; nestas consiste, principalmente, o merecimento da collecção.

Notando este facto, o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, ao examiná-la, manifestou-nos o desejo de que a publicassemos no *Archeologo*. Não tinhamos tenção de publicar quaesquer trabalhos sobre numismatica portuguesa; se este vem a publico, é isso devido á estima que tributamos áquelle nosso amigo.

II

Ao começar o trabalho, entendemos ser conveniente expor o que pensamos sobre a conservação, colleccionação e classificação das moedas, por nos afastarmos, em alguns pontos, das opiniões geralmente seguidas.

São alguns colleccionadores de parecer que as moedas se devem conservar no estado em que forem adquiridas. Lopes Fernandes [1] dirige

---

[1] *Memorias das moedas*, p. 239.